**“A GENTE ENROLAVA A TIA SABE?”: pesquisa com crianças e adolescentes sobre a participação na educação não formal**

*Daniela Signorini Marcilio[[1]](#footnote-1)*

**EIXO TEMÁTICO:** Projetos e Práticas

**RESUMO**

Há muito tempo a infância tem sido reservada às instituições, sendo a escola a principal delas, mas, fora do horário escolar, são variados os lugares onde as crianças podem estar. Esse trabalho tem como objetivo apresentar a pesquisa de campo desenvolvida com crianças e adolescentes de um Centro de Convivência e Fortalecimento de Vínculos. A pesquisa tem como propósito compreender e problematizar, de um lado, o que é oferecido em termos de possibilidades de participação para as crianças e adolescentes, e de outro, identificar quais são as formas de participação empregadas nessa instituição.

Palavras-Chave: Criança; Educação não formal; Participação;

**INTRODUÇÃO**

O estudo da presença e relação das crianças na cidade tem sido foco de pesquisa de diferentes campos teóricos envolvendo as crianças e seus espaços geográficos cotidianos, investigação que ocorre no âmbito da própria geografia e em outros campos de conhecimento de forma interdisciplinar, como por exemplo, a sociologia da infância (LOPES & FERNANDES, 2018).

Para a sociologia da infância, por exemplo, as crianças são agentes ativos que constroem suas próprias culturas e contribuem para a produção do mundo adulto (CORSARO, 2011), ou seja, “elaboram sentidos para o mundo e suas experiências compartilhando plenamente de uma cultura. Esses sentidos tem uma particularidade, e não se confundem nem podem ser reduzidos àqueles elaborados pelos adultos” (COHN, 2005, p. 35).

Esse trabalho está baseado na pesquisa de doutorado que está sendo desenvolvida na Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. A pesquisa tem como objetivo principal investigar um espaço de educação não formal a fim de compreender e problematizar, de um lado, o que é oferecido em termos de possibilidades de participação para as crianças e adolescentes de 5 a 14 anos e 11 meses, fora do horário escolar, e de outro, identificar quais são as formas de participação das crianças nessas instituições. Portanto, esse trabalho é um recorte dessa pesquisa, focalizando a produção dos dados do campo, incluindo a descrição de uma roda de conversa com um grupo de crianças.

**A produção dos dados do campo**

Os Centros para Crianças e Adolescentes são espaços de educação com objetivo de oferecer proteção social aos grupos que estão em situação de vulnerabilidade e risco, por meio do desenvolvimento de suas potencialidades, bem como favorecer aquisições para a conquista da autonomia, protagonismo e cidadania, mediante o fortalecimento de vínculos familiares e comunitários. O CCA pesquisado localiza-se no distrito da Água Rasa, no Município de São Paulo.

Pedi licença às crianças e adolescentes para apresentar a pesquisa. Informei qual seria o meu papel, nesse caso, desenvolver uma pesquisa com as crianças sobre a participação no CCA. Também procurei informar os meus instrumentos de pesquisa, entre eles o caderno de campo e câmera fotográfica para registrar as informações.

Existe uma rotina de atividades que as crianças precisam seguir de segunda a sexta. De acordo com a equipe gestora do CCA, a segunda-feira e a quinta-feira são os dias reservados para as atividades e brincadeiras na quadra, então escolhi esses dois dias para estar com as crianças.

**Rodas de conversa**

E o que as crianças e adolescentes desejam mudar no CCA? Apesar de gostarem muito do serviço, algumas crianças falaram sobre mudanças que gostariam que acontecessem no espaço, como por exemplo, utilizarem o celular, ter mais tempo de quadra, ter mais brinquedos, ter novas aulas, como ballet, artes, informática e culinária. Para além das mudanças, gostaria de entender como e de que maneira as crianças pensam que essas mudanças podem acontecer.

Por isso, foram realizadas rodas de conversa com grupos de quatro ou cinco crianças para compreender quais são as suas ideias com relação às mudanças que desejam para o espaço, e o que elas pensam sobre a sua participação no CCA.

Das 125 crianças e adolescentes matriculados no CCA Padre José, 115 participaram das 30 rodas de conversa realizadas nas salas de atividades, na quadra e no refeitório. A média de duração das rodas de conversa é de 10 minutos, mas há entrevistas que variam de 15 a 40 minutos de duração. Apenas nove adolescentes não participaram em função de ausência e falta de interesse. No total tenho sete horas e oito minutos de gravação de rodas de conversa para transcrever e analisar.

No momento da gravação pedi para as crianças sentarem no chão e se apresentarem com nome e idade, depois lançava um dos temas para começar a conversa.

 **“A gente enrolava a tia”**

Esse foi o último grupo a participar da roda de conversa e recebeu esse nome devido uma fala da Luana (10) sobre as táticas das crianças para brincar na quadra. O grupo é composto por Luana (10), Luca (10), Beatriz (9), e Maria Luiza (apelido Malu) (9).

Sobre o tempo de quadra, Malu (9) não quer que aumente por que atrapalha as outras atividades. Já Beatriz (9) e Luana (10) discordam.

Beatriz (9): "ó tia, tipo assim, tem bastante gente que não tem lição fala ai vamo para quadra faz a sua lição depois (...)”

Malu (9): “É!”

Beatriz (9): “muita gente (...)”

Malu (9): “não faz a lição (...)”

Beatriz (9): “Não faz sua lição, vamo para a quadra. A gente a gente vai para a quadra rapidinho, vai para a quadra rapidinho e quando a gente chega da quadra já vai para 4 horas então vai dar 4 horas então a gente não consegue fazer a nossa lição direito, como hoje a gente vai para a quadra”

Malu (9): “ai não vai dar para fazer a lição direito"

Malu (9) explica a questão da lição de casa "só que a minha mãe ela já falou dessa questão da lição de casa. Minha mãe já falou com a tia Wanda por que eu, eu já falei mesmo na entrevista que eu não gostava tipo de ser obrigada a fazer a minha lição de casa aqui né”

Dani (pesquisadora): “mas quem te obriga a fazer lição aqui?”

Beatriz (9): “é por que a tia pede (...)”

Malu (9): “a tia Wanda, a tia Wanda pede, pede e a gente e se a gente não quiser a gente tem que fazer. Aí eu não gostei muito dessa coisa de ser obrigada a fazer a lição de casa, então eu peguei e falei para a minha mãe e ai a minha mãe falou com ela ai agora se eu quiser eu não posso fazer lição de casa e se eu quiser eu faço só que ai a tia Wanda continua brigando. Se viu (apontou para Beatriz) que lá na sala eu não fiz a lição, eu não queria fazer a lição de casa hoje, e eu não fiz hoje. Aí ela pegou e falou ‘ah mas quando também você’(...)”

Dani (pesquisadora): “Mas o que?”

Malu (9): “quando você também tiver lição difícil eu não vou te ajudar e tipo eu achei meio tipo errado por que ela tá aqui na questão de ajudar a gente"

Beatriz (9) explicou que ela não faz a lição em casa por que antes morava com o primo pequeno e sua madrinha que não trabalhava para cuidar dele. Agora que ele cresceu e já pode ir para a escola, a madrinha dela não vai mais poder ajudá-la e a avó dela não entende alguns conteúdos da escola. Luana disse que as crianças enganam a tia.

Luana (10): "Então é que às vezes a gente não quer fazer a lição aqui sabe a gente quer ir para a quadra dai a gente enrolava a tia sabe? a gente enganava ela, a gente não fazia a lição completa, deixava para fazer em casa só para ir na quadra, sabe?”

Dani (pesquisadora): “Tá, mas dava certo?”

Luana (10): “Dava”

Dani (pesquisadora): “e por que agora vocês não conseguem mais fazer isso?”

Luana (10): “por que ela pede para olhar"

Malu (9) comentou que às vezes acontece de alguns meninos pedirem para ela fazer a lição depois, por que é dia de quadra, então ela chegou a guardar a lição, porém, a tia pediu para ver então ela teve que contar o que aconteceu. Então a sala ficou sem ir para a quadra e os meninos colocaram a culpa nela.

Quando pergunto se o CCA é um lugar para fazer lição, Beatriz (9) e Malu (9) se olham e pensam.

Malu (9): "Não, eu não acho que é para fazer lição né, por que a minha, não os pais falam tipo ‘ai lá você vai brincar o dia inteiro não vai fazer nada se vai brincar, você vai lá para brincar’ mas a gente não brinca aqui, a gente a tia, eu não vou eu não sei qual tia, mas tem tia que faz, pega e não deixa a gente brincar com brinquedo, as vezes não leva a gente para a quadra e deixa a gente olhando para a cara delas. Ai e se a gente olha ainda elas reclamam ai a gente não tem nada para fazer e ficam olhando um para o outro e a gente não faz nada (...)”

Beatriz (9): “não deixa brincar de stop também né”

Malu (9): “é!”

Beatriz (9): “nem fazer assim ó faz sinal de jokenpô”

Malu (9): “se a gente fizer assim a gente fica de castigo"

Malu (9) traz o tema das meninas e dos meninos na quadra:

Malu (9): "a tia Wanda separa, pelo menos a tia Wanda e a tia Ale separam do mesmo jeito, dos mesmos jeitos, só que cada um tem o seu espaço, só que os meninos vão tomando a quadra, não é Luca que os meninos vão tomando a quadra das meninas? (olha em direção ao Luca)”

Beatriz (9): “ficam com a quadra inteira, do gol até o outro gol”

Malu (9): “ai a gente fala vocês estão tomando o nosso espaço ai eles falam ‘cala a boca!’. As meninas ocupam o espaço para pular corda, que é bem na área do gol, e os meninos chutam e as meninas se machucam com as boladas. Assim, elas acabam tendo que ficar no espaço ainda menor.

Luca (10) concorda com o que as meninas estão dizendo.

Malu (9) disse que um dia as meninas queriam brincar de queimada, mas a bola dos meninos pegou na Malu (9) e os meninos fazem piadas. Luana (10) diz "Então tia, esses meninos são mal educados com menina sabe? eles ficam sabe se achando os mais fortões sabe? as meninas são as perdedoras e tudo, e eles sempre são os que ganham, sabe?”

Dani (pesquisadora): “já houve uma negociação com os meninos?”

Malu (9): "muitas vezes!”

Dani (pesquisadora): “já teve ?”

Malu (9): “muitas vezes!”

Dani (pesquisadora): “e por que não deu certo?”

Malu (9): “Por que a gente falava ow é, não é justo a gente pegar eu fui lá falar, eu falei para o Murilo, pro o João, que seria certo eles pegarem e dividir a quadra , eles ficar com aquela parte e eles ficar aquela parte, só que eles falaram que eles estavam atrapalhando o espaço deles e que eles também tinham que usar o outro gol por que a gente não usava para nada, mas a gente poderia pelo menos ter o nosso espaço também né para não ficar uma bagunça ai eles não, então não vai continuar do jeito que tá ai eu mas a tia Wanda separa do jeito que cada um uma parte para cada, ai eles pegam e ficam nem ai, ai eles continua”

Dani (pesquisadora): “eles então invadem o espaço que vocês já tinham dividido?”

Beatriz (9) e Malu (9): “sim”

Dani (pesquisadora): “o espaço que era pra vocês eles invadem”

Malu (9): “a gente não fala para tia Wanda por que a gente acha que a gente não vai ter razão mesmo (...)"

Malu (9) lembra que na outra turma a tia Ale chama atenção dos meninos que invadem o espaço das meninas, já a tia Wanda não. Malu (9) disse que os meninos chutam a bola de proposito para minar o espaço das meninas até que elas desistam dele. Então perguntei para o grupo como que elas acham que poderia resolver essa questão.

Beatriz (9): "Ficar uma parte para as meninas e outras para os meninos"

Malu (9): "não, as tias tem que falar, por que a tia Wanda, ela separa só que os meninos não colabora, então é os meninos eles também tinham que ficar com um espaço pelo menos uma vez que a gente tem, pelo menos uma vez eles pegar e ficar de castigo e usa, só que não todos os meninos, nem sempre todos os meninos, é os que são mais mandões, que eu não vou citar nomes (...)"

Nesse momento acabou a memória da câmera, então fomos para a quadra e falamos mais sobre essa questão. Elas me mostraram os espaços que são usados pelos meninos e pelas meninas, onde é feita a divisão no espaço físico, entre outras questões. Malu (9) explicou que isso acontece por causa da história do rosa e azul, e não consegui explorar mais essa questão por que o grupo se engajou numa brincadeira de pega-pega enquanto eu fazia as anotações no caderno de campo. Inclusive as crianças fizeram a mesma seleção *Jokenpô* para escolher o pegador e depois me convidaram para brincar também. Elas curtiram muito essa experiência de ter a quadra só para elas.

**Considerações finais**

No grupo “a gente enrolava a tia” ficam em evidência as estratégias que as crianças criam para poder brincar no CCA. Também há provocações no que diz respeito à programação, ao uso dos espaços e a falta de mediação das educadoras em alguns processos. Chamam atenção para ampliar o uso dos espaços do CCA pelas crianças para além da quadra e das salas de atividades.

De forma geral, muitas crianças expressaram que não sentem confiança em fazer sugestões de novas ideias para as educadoras. Além disso, não há espaço para outras formas de participação para além das caixas de sugestões, assim como são quase inexistentes os momentos de discussão e negociação entre e com as crianças sobre diferentes temas e situações, que são evitados e algumas vezes proibidos.

As crianças do CCA estão pedindo mais brincadeiras e mais tempo para brincar. Até o momento foi observado que crianças e adolescentes não são envolvidas no processo de planejamento das atividades, e o foco não é o lúdico, mas sim as lições e as atividades dirigidas. A pesquisa de campo ainda está em desenvolvimento.

# REFERÊNCIAS

COHN, Clarice. **Antropologia da criança**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

CORSARO, Willian. Entrada no campo, aceitação e natureza da participação nos estudos etnográficos com crianças pequenas. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 26, n. 91, p. 443-464, maio/ago. 2005. (Dossiê Sociologia da Infância: Pesquisas com crianças)

PREFEITURA DE SÃO PAULO ASSISTÊNCIA SOCIAL. **Proteção social básica**. Disponível em:

<http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/assistencia\_social/protecao\_social\_basica/>. Acesso em 07 de jun. 2018.

LOPES, Jader Moreira. Geografia da Infância: contribuições aos estudos das crianças e suas infâncias. **Educação Pública**, Cuiabá, v.22, n.49/1, p. 283-294, maio/ago. 2013.

1. Bacharel em Lazer e do Turismo (EACH-USP), Mestra em Filosofia (área de concentração Estudos Culturais) (EACH-USP), doutoranda em Educação (FE-USP). Professora da Ipa Brasil e Univesp, São Paulo, São Paulo, Brasil. Contato: daniela.marcilio@usp.br [↑](#footnote-ref-1)